

Brincadeiras e conflitos étnicos no território fronteiriço Brasil-Bolívia¹

Plays the ethnic conflicts in the Brazil-Bolivia border territory

Juegos y conflictos étnicos en el territorio fronteiriço Brasil-Bolivia



Alexandre Paulo Loro

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, Santa Catarina

E-mail: alexandre.loro@uffs.edu.br



Jacqueline da Silva Nunes

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

E-mail: jacknunes13@hotmail.com



Shirley Ferreira Marinho Silva

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

E-mail: shirleypastori@hotmail.com

Resumo: Objetivamos problematizar as relações de conflito e poder durante as situações de brincadeiras com aspectos étnicos na região de fronteira Brasil-Bolívia. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, a entrevista e a observação, utilizadas para coletar dados, foram realizadas com crianças de três escolas brasileiras e a análise pela Sociologia Figuracional das obras *O Processo Civilizador* e *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Durante as brincadeiras nos intervalos escolares emergem conflitos relacionais de origem étnica (Collas e Cambas), tais características expressam uma relação de poder entre as crianças descendentes de bolivianos que estudam em Corumbá/MS/Brasil e o legado da colonização espanhola ainda não resolvido.

Palavras-chave: Brincar. Fronteira. Conflitos étnicos.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Abstract: Our objective is to analyze conflict and power relationships during playful situations with ethnic aspects in the border region between Brazil and Bolivia. A qualitative research to collect data was done interviewing and observing children from three Brazilian schools. The analysis used in this process was the Figurational Sociology of the works *The Civilizing Process* and *The Established and the Outsiders*. Relational conflicts, ethnic in origin (Collas and Cambas), emerge during play time in recess, such characteristics express a power relation among Bolivian-descent children who study in Corumbá, MS, Brazil, and the Spanish colonization legacy which has not yet been resolved.

Keywords: Play, border, ethnic conflicts.

Resumen: El objetivo es problematizar las relaciones de conflicto y poder dadas en ámbitos recreativos, que surgen de aspectos étnicos de la región en la frontera Brasil-Bolivia. La investigación es cualitativa. La entrevista y la observación se utilizaron para recolectar datos, realizadas con niños de tres escuelas brasileñas. El análisis es por la Sociología Figuracional, de las obras *El Proceso Civilizador* y *Los Establecidos y The Outsiders*. Durante los juegos en los recreos escolares, surgen conflictos relacionales de origen étnico (Collas y Cambas), de ésto surge una relación de poder entre los niños descendientes de bolivianos que estudian en Corumbá/MS/Brasil y el legado de la colonización española, todavía no resuelto.

Palabras clave: Jugar. Frontera. Conflictos étnicos.

Submetido em: 20-03-2019

Aceito em: 17-06-2019

Introdução

O contato entre crianças bolivianas ou descendentes com as crianças brasileiras no ambiente escolar é propício para despertar conflitos, inflamados em situações de jogo. Não se trata apenas de desentendimentos casuais, mas de uma antiga rivalidade cultural. Este estudo traz à tona a tensão entre os Cambas, que habitam a parte fronteira com o Brasil (oriente da Bolívia), que se consideram herdeiros diretos dos espanhóis; e os Collas, população mestiça indígena (que habitam a parte ocidental), descendentes dos índios Quíchuas e Aimaras. O estranhamento entre esses dois grupos étnicos é perceptível no interior das escolas brasileiras, embora a tensão histórica entre Collas e Cambas ainda pareça ser assunto velado.

Em meio a tantos aspectos que merecem atenção em um estudo sociocultural dessa natureza, enfatizaremos as relações de conflito e de poder manifestadas durante as brincadeiras das crianças, que envolvem aspectos étnicos na região de fronteira Brasil-Bolívia como elemento central.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa empírica desenvolvida em três escolas públicas municipais (uma escola de zona rural e duas urbanas) de Corumbá-MS-Brasil. Os procedimentos metodológicos contemplaram uma abordagem de pesquisa caracterizada como qualitativa, na qual a entrevista e a observação foram as técnicas utilizadas na coleta de dados, realizadas com um público de 23 crianças dos anos iniciais da Educação Básica. A amostragem foi composta por descendentes de bolivianos que possuem Registro de Nascimento Brasileiro (Certidão), assim, os nascidos na Bolívia conseguem matrícula nas escolas brasileiras.

Uma vez identificado o problema de estudo e, com base no pressuposto apresentado, propomo-nos a dialogar com a Sociologia Figural Eliasiana presente nas obras *O Processo Civilizador* e *Os Estabelecidos e os Outsiders*, que discutem as normas de socialização e as relações de poder estabelecidas no con-

vívio em comunidade e servirão de subsídio para problematizar a discriminação e a exclusão por indivíduos de grupos diversos. Mesmo que não divirjam no aspecto econômico, “afixar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 24) dos estabelecidos sobre os *outsiders*. Valendo-nos dessas leituras, identificamos nesse universo de fronteira as relações sociais no processo de civilização, assim como as relações de conflito e poder manifestadas durante as situações de brincadeiras, expressas em diferentes etnias na região de fronteira Brasil-Bolívia.

O Contexto Fronteiriço

As crianças que moram nas proximidades das escolas chegam a pé para mais um dia de aula; geralmente as mais novas estão acompanhadas pelos irmãos mais velhos, pais ou tios; algumas chegam de bicicleta, outras na garupa de uma moto ou de carro; quem mora mais longe, seja do lado brasileiro seja do boliviano (*Puerto Quijarro*) da fronteira, desloca-se para a escola de ônibus (pago pela Prefeitura de Corumbá-MS, que passa na borda da divisa internacional, nas proximidades do Posto da Polícia Federal brasileira). Para conhecer uma dessas escolas que atendem a esse público, tomamos o ônibus com as crianças que, durante o percurso, ao se encontrarem com os amigos, começavam a falar em português.

Houve desconfiança dos pais/responsáveis para assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (remetido em língua portuguesa e espanhola) para conceder entrevista. As crianças somente foram autorizadas após mediação da direção escolar, que agendou reunião dos pesquisadores com os pais. As crianças nem sempre se sentiam à vontade e, por inúmeras vezes, negavam a ascendência boliviana.

Os pais e/ou responsáveis dessas crianças geralmente estão subempregados, desempregados ou obtêm ganhos na informalidade. Em alguns casos, as crianças desconhecem o ofício: “– Eu não sei do que ele (pai) trabalha”, “Ele morava aqui na fronteira, aqui perto” (Wagner, 9 anos)². As mães geralmente são do lar, lavadeiras, cozinheiras, faxineiras, domésticas e babás, enquanto os pais trabalham como pedreiros, papeleiros, serviços gerais, serralheiros, militares, vendedores, padeiros, motoristas e mecânicos.

Na fronteira da Bolívia é comum os adultos terem o comércio como ofício. De maneira concomitante, os seus filhos também estão inseridos nesse meio e isso é um diferencial entre as crianças na Bolívia, quando comparadas às brasileiras. Enquanto na fronteira do lado brasileiro é relativamente comum encontrar crianças brincando na rua, na Bolívia elas são inseridas no mundo do trabalho familiar desde cedo. Não raro, crianças de aproximadamente oito ou nove anos têm emprego informal, necessário como “ganha-pão”.

Odair (7 anos) relata que, quando pode, enquanto acompanha os pais no trabalho, ele brinca de feira (frutas, verduras ou roupas). Marli (7 anos) comenta que precisa ajudar a mãe, que é cozinheira, a lavar os pratos e a cozinhar. Por este motivo ela brinca geralmente em casa, à noite, com o irmão. Essas práticas normalmente envolvem grupos, rodas e músicas e têm como tema central os jogos e as brincadeiras populares. Elas são muito semelhantes às aquelas que conhecemos no interior do território brasileiro, como queimada, adoleta, morto-vivo, corre cotia, pico picolé, estátua, batata quente e voleibol. Por vezes, as poucas distinções estão na mudança do nome e na variação de algumas regras (Quadro 1).

² Todos os nomes são pseudônimos.

Quadro 1. Comparativo de jogos/brincadeiras - Bolívia e Brasil

BOLÍVIA	BRASIL
Pelota	Pelada - Futebol de rua
Toque-toque	Bobinho
Cinco pedrinhas	Cinco Marias
Cola-cola / Cola-pau	Pique-Cola
Escondido	Esconde-esconde
Jogo da garrafa	Verdade ou desafio
Pula-pula	Pular corda
Baralho	Jogos com cartas
Taco	Taco / Bets / Betes
Tubarão Corridas de rua Correntinha	Pegador / Pega-pega
Pique-bate Pique-fruta Pique-alto	Pique-bandeira / Rouba-bandeira
Polícia e ladrão (<i>de caramelo</i>)	Polícia e ladrão

Fonte: criação dos autores (elaborado a partir dos relatos das crianças descendentes de bolivianos).

Entre os jogos mais populares, encontramos nos chamados jogos de perseguição inúmeras modificações. Destacaremos duas dessas variações: 1) quando um participante está correndo/fugindo e o perseguidor o toca, este terá que permanecer no lugar, imóvel; somente quem passar por debaixo das pernas dele, que estão entreabertas, o liberta; 2) outra forma de reinserir o colega no jogo é estendendo o braço, passando por baixo dele.

Muitas dessas brincadeiras são aprendidas no interior da escola; contudo, nem sempre o caminho inverso ocorre – as práticas da rua não são incentivadas e nem desenvolvidas na escola, um território fecundo para a mediação dos conflitos culturais.

Brincar: uma ação relacional em discussão

O brincar é a maior especialidade das crianças, portanto é raro vê-las imóveis, sendo o contexto escolar propício para os relacionamentos. Nas aulas de Educação Física as crianças gostam de interagir com materiais que nem sempre dispõem em suas ca-

sas, como o jogo Uno (baralho), quebra-cabeças, xadrez e damas. Alguns jogos são organizados e produzidos por meio de materiais recicláveis, como o boliche feito de garrafas plásticas descartáveis.

Os esportes também são conteúdos centrais nas aulas de Educação Física: “– A gente joga bola”, “[...] o professor também faz bingo” (Wagner, 9 anos). Em determinadas épocas do ano são realizados projetos de ping-pong e capoeira. Porém, essas práticas corporais não atendem aos anseios de todos. Débora (9 anos) deseja dançar na escola, estilos como a *Cumbia* (música tradicional da Colômbia e Panamá), dança popular presente em diversos países latino-americanos, entre eles, a Bolívia; e *Caporalis*, dança folclórica grupal, que requer resistência e agilidade da dupla, pois o ritmo exige muita movimentação.

As crianças também relatam o tempo limitado que é destinado ao brincar antes do início das aulas, pois precisam entrar na sala ao tocar o sinal. Mas durante o recreio o tempo é maior. Para ampliar o tempo de jogo, o lanche é feito rápido. Nesses momentos uma das principais brincadeiras que presenciamos foram os jogos de perseguição (pegador, por exemplo), o futebol e alguns jogos tradicionais, como amarelinha. O parquinho era muito ocupado e disputado, especialmente os balanços. Os bambolês que ficavam à disposição eram muito utilizados. As meninas se reuniam em grupos e tiravam das mochilas as bonecas trazidas de suas casas.

Além das bonecas, Clara (8 anos) destaca que durante o recreio junta-se um grupo de aproximadamente 15 meninas para brincar de “Tubarão”. A brincadeira é um jogo de perseguição composto por um participante que terá a função de pegar o restante do grupo, que deverá correr. Quando o jogo inicia, muitas crianças sobem nas árvores, outras se escondem atrás do prédio da escola. Se o tubarão tocar em alguma parte do corpo, torna-se também tubarão. “Somos peixinhos. O tubarão vai querer comer a gente. Se pegar a perna, já tá com ele. Vira tubarão, é um novo tubarão”.

O jogo faz parte da capacidade inventiva do homem, uma realidade diversa que vai compondo toda a formação e estruturação da

identidade humana. Durante as entrevistas as crianças mencionaram que era a “época das bolitas” – já havia passado –, assim como a temporada das pipas. Sobre esse assunto, Odair (7 anos) explica a maneira como jogam: cada participante joga com duas bolitas, as quais são apostadas. Uma bolita tem que “trompar” nas outras duas. É feito um risco no chão e inicia-se o jogo, os jogadores “largam” a primeira bolita na área de jogo, sendo que a segunda deverá ser largada o mais próximo possível da primeira. Se ela ficar próxima, melhor, pois na sequência deverá acertá-la. Se acertar – “topar nas duas” – retira uma do adversário. “Tem que bicar as duas e aí você pega uma”. Importante destacar que as crianças brasileiras estabelecem regras diferentes de jogo: elas fazem dois buracos no chão e jogam as bolitas, há momento de voltarem próximos à linha de partida, entre outras particularidades. Esse jogo tem merecido destaque pela sua originalidade e sua aceitação (HUIZINGA, 1971).

Ao analisar os atlas linguísticos produzidos no Mato Grosso do Sul, ao referir-se às “coisinhas redondas, de vidro, com que os meninos gostam de brincar”, Alencar (2015) destaca a alta frequência da terminologia “bolita”. A pesquisadora constatou, para além do léxico, que a presença dessa designação está disseminada em todo o estado, possivelmente em virtude de sua extensão fronteiriça, pelo contato com os países que falam espanhol (Bolívia e Paraguai) e demais países sul-americanos, recebendo influência pelas diferentes culturas no processo de formação e povoamento.

As brincadeiras vivenciadas no interior da escola evidenciam uma indissociável relação com a sociedade em destaque. Nesse caminho, refletimos à luz de Elias (1994), ao analisar o processo de civilização como resultado da transformação das relações entre os indivíduos. Nesse caso, é preciso entendermos que, mesmo tendo culturas diferentes, existe uma estrutura social peculiar e de correspondentes formas de comportamentos, visto que os costumes de uma determinada cultura em uma época específica atendem às necessidades de tal contexto sociocultural, que se consolida não pelo mundo das ideias racionais ou pela ideologia, mas pelos comportamentos, costumes, sensibilidades, expressões, ritos e

gestualidade que vão sendo construídos pelo meio social. A partir do processo histórico, das vivências, as memórias vão sendo registradas, processo esse em que as conexões das mudanças factuais seguem apontando para uma direção temática emblemática, pois revela o nível de percepção das crianças com o território em que vivem.

Quando o brincar é manifestado fora da escola, evidencia-se que no final do turno vespertino são recorrentes as brincadeiras ao ar livre em meio à natureza. As crianças ocupam as ruas, os campos de futebol e as praças na companhia de amigos e parentes, conforme explicita Raissa (8 anos): “- Eu brinco às cinco horas da tarde, enquanto tiver sol, fraquinho, escurecendo. Quando termina nós vamos dormir, somente quando buscam a gente”. Em situações como estas, os irmãos mais velhos ajudam a cuidar dos pequenos, pois as famílias são geralmente numerosas, a exemplo da família de Sandra (8 anos), que tem oito irmãos e quinze primos. Percebe-se nesses casos que a quantidade de participantes é propícia para as atividades em grupo.

Somam-se às atividades de grupo a criação de brinquedos feitos de materiais recicláveis, como o “Vai e vem”, produzido com garrafas plásticas descartáveis de refrigerante. Quando as crianças encontram dificuldades em manusear esses materiais, por vezes contam com a ajuda dos irmãos mais velhos. Marcos (8 anos) afirma que ele brinca com o irmão com um avião de papel. Ele faz o avião e joga, enquanto o irmão corre e pega. A capacidade de criar brincadeiras é recorrente, como a brincadeira do “lobisOMEM”:

Um guri é o lobisOMEM e ele tem que nos pegar. Nós entramos na casa dele, enquanto ele finge que dorme, e nós fazemos barulho. Aí ele tenta nos pegar. Se eu sou o lobisOMEM, outra pessoa finge que está dormindo. Aí quando vem, mexe comigo e eu tenho que ir lá pegar ela e trancar ela em uma casa de chocolate até ela comer toda a casa, aí eu tenho que comer ela depois que ela engordar (Rosane, 8 anos).

Em algumas situações meninos e meninas brincam juntos. Nesses momentos, brinquedos como carrinhos, bonecas e casinhas são objetos comuns de práticas que ocorrem em casa, bem como o jogo da velha, que requer apenas lápis e papel ou é até mesmo feito no chão. No interior das casas, por exemplo, na cozinha, elas brincam de fazer bolo e representam chefes de cozinha: “– A gente brinca de fazer feijão e arroz [...]” (Pedro, 9 anos).

As brincadeiras e as línguas

Durante as entrevistas, procuramos falar em “boliviano” (espanhol), afinal partíamos do pressuposto de que as crianças compreenderiam, ademais, sentir-se iam valorizadas. Entretanto, ficou explícito que nem sempre falavam espanhol. Constatamos que, paulatinamente, a língua vai se perdendo. Em situações cotidianas, quando as crianças acompanham os pais nas feiras, por exemplo, falam boliviano. Entretanto, quando brincam com outras crianças é recorrente falarem em ambos idiomas. Assim como em casa, quando o casal é das duas nacionalidades: “– Com meu pai eu falo português e com a minha mãe eu falo boliviano” (Sandra, 8 anos). Interessante destacar que, em situações de jogo, expressões são utilizadas em português ou boliviano, todos entendem a brincadeira. Dificilmente alguém dirá “– Ah, eu não entendi a brincadeira porque você falou uma palavra que eu não sei”. José (8 anos) destaca que em situações adversas, momentos de “apuros”, durante o jogo, eles se manifestam em boliviano.

A importância da língua durante as brincadeiras adquire aspecto central quando percebemos que no interior da escola (brasileira) fala-se o boliviano. Entretanto, se há membros brasileiros no grupo, fala-se em português. Essa influência se estende para situações de jogos fora da escola, pois obtivemos registros de crianças que mencionaram que, independente se brincavam na Bolívia ou no Brasil, aos finais de semana, quando os parentes se visitam,

mesmo que somente com crianças descendentes de bolivianos, as regras eram ditadas em língua portuguesa.

Essa situação é criada geralmente pelos conflitos que vão se estabelecendo entre suas posições em meio a essa fronteira, o que faz a própria criança negar a sua língua de origem como uma forma de se expressar e para afirmar a sua posição no jogo. Elias e Scotson (2000) referem-se aos aspectos que balizaram as relações de poder e que produziram o que podemos chamar de estabelecidos, para determinados indivíduos, e *outsiders* para outros, implicando compreender as emoções e sensibilidades do ser humano em suas relações diárias. Desse conceito de figuração entre “os estabelecidos” e “os *outsiders*”, Elias adota como meio de análise a relação de interdependência entre os indivíduos que interliga uma rede de interdependência em determinada sociedade, com configurações diversas, muitas vezes reduzidas a grupos de “piores” ou “melhores”:

Assim, nesse âmbito reduzido, encontrava-se e, até certo ponto, aprendia-se a compreender uma ilusão de óptica que é característica da construção das imagens sociais de vários outros contextos sociais muito mais amplos: a imagem que os estabelecidos, os poderosos setores dirigentes de uma sociedade têm de si e transmitem aos outros tende a se pautar na “minoridade dos melhores”, ou seja, tende para a idealização. A imagem dos *outsiders*, dos grupos relativamente pouco poderosos em comparação com os setores estabelecidos, tende a se modelar na “minoridade dos piores” [...] (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 56).

Para compreender o exposto, selecionamos o relato de Marli (7 anos), que tem pais bolivianos e que moram em *Puerto Quijarro*. Quando lhe perguntamos se, ao brincar com os seus irmãos ou amigos, entre eles falam em boliviano ou em português, Marli diz que conversam em língua portuguesa. Ao questionarmos sobre os motivos pelos quais não conversam em “boliviano”, ela responde: “– Eu não gosto de falar em boliviano. [...], porque não quero. Eu acho feio”.

Também o relato de Kelvin (6 anos) vai ao encontro da manifestação de Marli. Ele relata que seu pai fala as duas línguas. Ao ser questionado sobre o que ele pensa sobre o assunto, responde: “– Minha mãe não deixa falar”, embora ele saiba. Os motivos pelos quais a sua mãe não o deixa falar em “boliviano” não foram revelados, pelo menos não explicitamente.

Talvez respostas a essas perguntas estejam implícitas nos relatos de outras crianças durante situações de jogos e brincadeiras na escola. Segundo Cássio (8 anos), nas aulas de Educação Física, às vezes as crianças bolivianas falam em espanhol para não serem entendidas pelos alunos brasileiros, quando estão fazendo piadas, por exemplo. Cristina (8 anos) relata que durante o recreio as crianças bolivianas brincam juntas porque as brasileiras [...] “mexem” com elas. Segundo Cristina, quando estão brincando na escola falam em português. Ao perguntarmos o motivo, afirma: “– Não sei, é que me dá vergonha de falar aqui na escola. Lá na Bolívia eu falo em boliviano”. As crianças bolivianas compreendem a língua espanhola, mas nem sempre os alunos brasileiros sabem.

Kelly (6 anos) estava bastante nervosa durante a entrevista, ela negava reiteradamente que era descendente de bolivianos. No decorrer da conversa, mencionou que brinca muito com a irmã e amigos da Bolívia, mas que era incomum os colegas brasileiros da escola convidá-la para brincar. Essas relações refletem a existência de conflitos étnicos e sociais e as relações de poder existentes, capazes de resultar no enclausuramento de determinados grupos, e ainda que a predominância da língua portuguesa estabelece uma relação de poder e apropriação de um grupo sobre o outro.

Ao considerar que “as pessoas estabelecem relações quando negociam, trabalham, rezam ou se divertem juntas e essas relações podem ou não ser altamente especializadas e organizadas” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 166), podemos refletir como as crianças constroem uma relação de poder (e ditam quem detém maior poder) em situações de jogo, engendrada em complexas relações de interdependência, que podem levar ao enfrentamento da violência física ou simbólica da comunidade.

Collas e Cambas

O convívio com diferentes atores sociais revela múltiplas identidades culturais, capazes de revelar relações de preconceito e discriminação (étnica e/ou racial). Análises no campo dos Estudos Culturais questionam as relações de poder e a dominação existente entre diferentes culturas, conforme podemos constatar em alguns trabalhos desenvolvidos na região fronteiriça de Corumbá. Entre eles, a pesquisa de Rivas (2011), que encontrou um número expressivo de bolivianos que moram e estudam em Corumbá que convivem em animosidade com os demais estudantes brasileiros:

Já nos primeiros encontros com estudantes, notou-se que estes se ressentem do preconceito que os brasileiros têm por eles, expressos descaradamente nas relações interculturais. Alguns relataram que a tensão é maior no setor de imigração, no atendimento público de saúde e na convivência escolar. Esse sentimento desperta uma rejeição dos adolescentes descendentes de bolivianos às suas próprias origens, negando acintosamente a sua ascendência. Uma parcela considerável de adolescentes descendentes de bolivianos não aceita suas próprias origens, devido a esse tratamento estigmatizado que eles recebem no lado brasileiro (RIVAS, 2001, p 41).

A não aceitação dos brasileiros nessa relação intercultural ocasiona dificuldades de autoafirmação cultural e linguística do boliviano (e descendentes), sendo possível identificar aspectos culturais característicos que marcam os bolivianos nessa fronteira, como, por exemplo, os antagonismos étnicos entre Collas e Cambas. O primeiro designa os bolivianos provenientes do altiplano (Aimaras e Quíchuas), ao passo que os segundos são membros das comunidades nativas das regiões baixas (Guaranis e Chiquitanos).

Cada região de fronteira representa um espaço diferenciado e único (*sui generis*), cuja significação ocorre por meio da construção

coletiva, e os elementos nela presentes constituem fatores importantes para a interpretação da configuração urbana. Na fronteira da região de Corumbá a oposição dos dois grupos mencionados é uma divisão política, cultural e ideológica que “[...] leva a difusão estigmatizante aos collas por parte dos cambas” (RIVAS, 2011, p. 42).

Souchaud e Baeninger (2008) também realizaram um estudo de campo acerca dos bolivianos residentes em Corumbá e destacaram os diferenciais da imigração boliviana, identificando vários aspectos, entre eles os culturais e territoriais das áreas de origem (Terras Baixas e Terras Altas), que refletem nos indicadores sociodemográficos existentes, inclusive entre o mesmo contingente imigrante. Destacam, ainda, ao citarem Blanchard (2005), que o movimento de polarização e oposição existente entre Cambas e Collas deriva da distribuição e diferenciação histórica do território (civilização pré-colombiana).

Assim, o termo *colla* derivaria da palavra *collasuyo*, que designava um dos quatro setores (distritos) do Império Inca, o qual correspondia, grosso modo, à atual região andina da Bolívia. Hoje, a palavra *colla* designa os que são ou vêm do altiplano, isto é, os aimaras e quíchuas (Blanchard, 2005). Por contraste e na origem, os *cambas* são os membros das comunidades nativas das regiões baixas, principalmente guaranis e chiquitanos. Hoje, a oposição entre os dois termos cristaliza a profunda e violenta crise que o país vem atravessando. Ela define-se na base de elementos políticos e econômicos e se expressa num antagonismo entre o ocidente e o oriente, equivalente à oposição entre as regiões altas (andinas, altiplânicas) e baixas, ou seja, entre *cambas* e *collas* (BLANCHARD, 2005, apud SOUCHAUD; BAENINGER, 2008, p. 273).

Outro ponto observado pelos autores é a dinâmica urbana da cidade da fronteira que precisa ser considerada em razão de elementos da estrutura social do país de origem (e não somente de destino).

[...] do ponto de vista econômico, são os collas os pioneiros do fluxo migratório para o Brasil, inclusive com expressiva inserção na sociedade de destino. Contudo, do ponto de vista da representação da estrutura social dessa migração, os cambas difundem um discurso que desqualifica o collas, mantendo em território brasileiro o estigma existente em certos lugares da origem, principalmente em Santa Cruz de la Sierra (SOUCHAUD, BAENINGER, 2008, p. 284).

Santa Cruz de la Sierra é a maior cidade e o principal centro econômico da Bolívia. Localizada na parte oriental do país, contesta o histórico predomínio político de La Paz e reivindica autonomia de Departamento Oriental. Neste contexto, quando os Cambas se reportam aos Collas, representam uma face da realidade permeada por profundas tensões sociais.

Em síntese, o contexto histórico, geográfico, social, político e cultural do território em destaque não pode ser analisado de maneira dissociada. Ao observar a região fronteiriça de maneira ampla, constata-se que esse território representa um espaço abstrato em virtude da ausência de obstáculos físicos/geográficos, e dos intercâmbios cotidianos da população. Essas características são consideradas centrais em Estudos Culturais dessa natureza, mais especificamente na fase da infância, na qual as situações de brincadeiras engendram momentos de tensão e oposição nas disputas do poder, que ocorre em maior ou menor escala. Para ilustrar esta discussão, destacaremos o relato de uma criança – Ione (9 anos) – que mora na Bolívia.

Ione relata que, ao final do dia, perto de sua casa, reúnem-se aproximadamente vinte crianças em um campo de futebol para brincar. Lá jogam futebol, meninos contra meninas. Com orgulho, afirma que elas sempre vencem. Todos os membros desse grupo social estudam no Brasil. Nas proximidades, há outro campo. Ione comenta que os bolivianos jogam em um campo, ao passo que os brasileiros jogam em outro. Eventualmente os grupos formam times e jogam um contra o outro. Acrescenta que “tem um homem

que não gosta de brasileiro, então ele só chama os bolivianos". Então perguntamos à Lone como são vistas as pessoas que nasceram na Bolívia e estudam no Brasil na hora de jogar futebol. Ela é enfática: "– Como brasileiro!". Nesse contexto específico ela não pode jogar com o grupo, mesmo morando lá. Nesse campo a regra social estabelecida é de que somente poderá jogar quem nasceu, estuda ou trabalha na Bolívia.

Quando perguntada o que aconteceria se o grupo do qual ela participa convidasse alguém do outro time para jogar, ela responde: "– Não, eles brigam, nem deixam. Eles são Collas, eles não entendem, eles falam outra língua que nós". Como, assim? Perguntamos. Ela diz: "– Nós somos brasileiros, por isso que eles não gostam da gente. Eles jogam pedras. Um dia soltaram pedra no meu sobrinho. O Colla errou e acertou no meu sobrinho". Ou seja, as crianças que estudam no Brasil são reconhecidas por esse grupo social como Cambas. De um lado da fronteira (Brasil), elas são reconhecidas como bolivianas (embora queiram ser identificadas como brasileiras); ao passo que, do outro lado da fronteira (Bolívia), elas são identificadas como Cambas e/ou brasileiras. Lone comenta, ainda, que perto dali existem outros dois campos, localizados um pouco mais longe de sua casa, onde somente os adultos jogam, porém lá esses conflitos já não são comuns. Embora tais conflitos não apareçam durante as entrevistadas entre os adultos no jogo de futebol, isso não representa inexistência. Essas situações/significados ainda carecem de investigações.

Esses relatos podem ser entendidos pelo viés elisiano, pois existe uma dinâmica de ação que pode ser comparada como o movimento de um jogo. A obra *Os Estabelecidos e os Outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000) pode ser um exemplo para pensarmos como se estabelecem as relações de interesses e de conflitos. Apoiado em ideias como as metáforas dos jogos, Elias compõe um núcleo metodológico, um eixo para as suas investigações diante das multifaces que integram as realidades sociais, envolvendo conflitos entre estabelecidos e os *outsiders*. Para ele, essa configuração social em andamento não ocorre de forma unilateral, nem unidimensional.

A relação de poder não é propriedade exclusiva (e definitiva) de um indivíduo e ou grupo social, mas sim resultante de tensões móveis em inter-relações sociais (re)configuráveis. Essas configurações constituem-se na região de fronteira, especialmente quando emerge a segregação racial. As relações raciais, em outras palavras, “[...] constituem relações estabelecidos-outsiders de um tipo particular. O fato de os membros dos dois grupos diferirem em sua aparência física [...] torna os membros do grupo estigmatizado mais fáceis de reconhecer em sua condição” (p. 31-32).

Desse modo, podemos afirmar que a dimensão étnico-racial está presente nas relações sociais entre as crianças Collas e Cambas. As crianças Collas, por serem descendentes indígenas, revelam-se estigmatizadas em relação às crianças não indígenas e, por assim, estas últimas são mais estabelecidas. Contraditoriamente, do ponto de vista econômico, os Collas foram os pioneiros do fluxo migratório para o Brasil. Contudo, do ponto de vista da representação da estrutura social dessa migração, os Cambas difundem um discurso de permanente desqualificação dos Collas, “[...] mantendo em território brasileiro o estigma existente em certos lugares da origem, principalmente em Santa Cruz de la Sierra” (SOUCHAUD; BAENINGER, 2008, p. 284).

Conclusões

Constatamos, por intermédio das observações de campo e pelos relatos das crianças bolivianas ou descendentes de bolivianos, que, durante o convívio social, sobretudo em situações de brincadeiras, como aquelas que ocorrem nos intervalos e/ou contraturnos escolares e aos finais de semana, emergem conflitos relacionais de origem étnica, seja na Bolívia – por serem Collas (descendentes indígenas) ou Cambas (descendentes espanhóis), seja no Brasil, por não serem tratados como brasileiros, embora tenham os mesmos direitos garantidos por terem Certidão de Nascimento expedida no Brasil.

Características étnicas e sociais específicas expressam a relação de poder existente entre as crianças descendentes de bolivianos que estudam nos anos iniciais da Educação Básica pública de Corumbá/MS/Brasil, bem como um legado da colonização espanhola e portuguesa (quando no Brasil) ainda não resolvido.

No diálogo com as crianças nas escolas identificamos algumas brincadeiras da cultura infantil transfronteiriça, embora tenhamos evidenciado pouco diálogo intercultural. A complexidade e a diversidade cultural sul-americana evidenciam o brincar como um tema contraditório nas relações sociais – trata-se de um tema tradicional e, concomitantemente, emergente.

Os relatos das crianças sobre as brincadeiras representam distintas realidades sociais e as tensões de interdependências nas diferentes culturas existentes na fronteira, por vezes invisibilizadas. Quem sabe possamos vislumbrar um olhar mais atento para essa temática nas aulas de Educação Física, capaz de despertar a criação de projetos integradores, uma vez que tal discussão não é irreduzível na perspectiva dos Estudos Culturais no território em destaque.

Referências

- ALENCAR, B. A. A unidade lexical 'boleta' no Mato Grosso do Sul: perspectiva geolinguística. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, p. 414-426, 2015.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994, v. 1.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2000.
- HUIZINGA J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva; EDUSP; 1971.

RIVAS, V. E. **Yo no soy boliviano soy carioco - Entre línguas e preconceitos na fronteira Brasil-Bolívia**. 95 f. 2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Strictu Senso. Estudos Fronteiriços, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus Pantanal. Corumbá/MS.

SOUCHAUD, S.; BAENINGER, R. Collas e cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. In: **Rev. Bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2008.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul . Título: A inserção da criança boliviana na rede pública municipal de ensino de Corumbá/MS: o jogo e a construção da identidade.